



Priscila e seus colegas de grupo no Centro Educacional Origem escolheram a violência contra a mulher como tema de discussão e agora querem fazer um vídeo sobre o assunto: "É algo muito freqüente"

Aprendendo a viver com o outro

Nova Lei de Diretrizes e Bases estimula professores de todas as matérias a discutir ética e noções de cidadania com os alunos

Humberto Rezende
Especial para o *Correio*

A escola se transformou. Deixou de ser um lugar de simples transmissão de conhecimentos e tornou-se um espaço de discussão de valores e formação da cidadania. Desde cedo, os alunos são incentivados a fazer perguntas do tipo "como devo agir?", "o que é certo e errado?" ou "como posso me transformar numa pessoa melhor?". É o ensino de Ética que chega às salas de aula. Do grego, *ethos* traz dois conceitos. O primeiro — de atitude, comportamento — refere-se à reflexão sobre a vida em sociedade, sobre o exercício da cidadania. O segundo — de morada, espaço interior — ao questionamento sobre si mesmo e sua relação com o outro. Mas como trabalhar isso na escola?

Às vezes, brincadeiras ingênuas e de roda servem como bons exercícios. Édisa Lopes, professora de Ciência e Tecnologia — matéria criada para o ensino de humanidades no Centro Educacional Origem, no Núcleo Bandeirante — as utiliza com seus alunos de ensino fundamental.

Em uma delas, para as turmas de 5ª e 6ª séries, um colega serve de *massa de modelar* para o outro. Assim, assume a posição que o outro quer. Muitos aproveitam para deixar o colega em poses constrangedoras, o que provoca muitos risos

na turma. Porém, os papéis se invertem, e aquele que foi modelado passa a estar no comando. E acaba se vingando.

Quando o exercício termina, os meninos dizem com se sentiram nas duas posições. "Com o poder" é o comentário mais comum ao se referirem ao papel do *escultor*. Quanto ao momento em que estavam sendo manipulados, expressões como "mongol" e "imbecil" surgem. Juntos, os estudantes chegam à conclusão de que ninguém pode mandar daquela forma no outro e que todos merecem respeito.

Para a professora do departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), Ana Míriam Wuensch, o ensino da Ética está muito ligado ao desenvolvimento da sensibilidade. "É fundamental que os professores façam os alunos olhar para as pessoas e se colocar no lugar delas. A Ética existe por causa do outro. Nos faz pensar em como podemos conviver da melhor maneira possível com a pessoa do nosso lado.", diz.

Outros conceitos podem ser trabalhados também. Semana passada, os alunos de 8ª série de Édisa assistiram um vídeo que discute as várias formas de violência, produzido pela organização não-governamental (ONG) Ecos. No filme, um adolescente vai às ruas fazer uma pesquisa sobre a violência e descobre que ela assume muitas formas, inclusive

dentro de casa, quando sua mãe enfrenta dificuldades para trabalhar.

A sala então foi dividida em grupos e cada um ficou responsável por abordar um tipo de violência. O grupo de Priscila Saito, 14 anos, escolheu estudar a violência contra a mulher. "É muito freqüente. E não é só física, pode ser também psicológica", diz a estudante, justificando a escolha.

O grupo quer preparar um vídeo sobre o assunto. Elas enxergam dentro da própria escola situações de violência contra a mulher. "Aqui, se a menina é mais bonita, já é logo chamada de bura. Mas se é feia sofre preconceitos também", diz Luana Pereira, 14 anos.

Além da discussão sobre a melhor forma de se relacionar com os outros, as aulas incluem reflexões sobre o que é ser cidadão e como conviver em sociedade. "Enquanto a ética trata da relação *eu e você*, a cidadania trata do coletivo", diz Ana Míriam.

A discussão de ética e cidadania nas escolas foi incentivada pela nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que propõe o assunto como um tema transversal — que pode ser abordado em qualquer disciplina.

Com isso, muitos professores têm incentivado sua discussão.

No Centro de Ensino 13, na Ceilândia, um trabalho conjunto de português, história e geografia incentiva os alunos da 6ª série a ler e criticar a Constituição Brasileira. A idéia surgiu na aula de história da professora Andrea Carvalho. Ao se estudar o período da República, foi proposto que os alunos comparassem a primeira Consti-

tuição com a atual e depois discutissem o que ela diz em relação à educação.

Nas aulas de português, eles interpretaram os artigos referentes à educação e os reescreveram na sua linguagem. Agora, cada grupo deve apresentar seu artigo e as conclusões a que chegaram. "Meu grupo vai falar sobre o artigo que diz que educação é um direito de todos e da família. Mas nem todos têm

acesso à educação. Às vezes a Constituição diz algo, mas não acontece na realidade", observa Katyuse Silva, 11 anos.

Outros pontos foram observados. "Para ser lixeiro hoje você tem que ter segundo grau, mas só garantem a educação até os 14 anos", diz Liliane Soares, 12 anos. O que eles po-

dem começar a fazer, no entanto, para ajudar a educação do Brasil? "Cuidando da escola, não sujando as salas. Se preservarmos a escola ela vai durar mais e outros poderão estudar", sugere Ana Paula Oliveira, 12 anos. Segundo a professora de geografia Mônica Miranda, esse acordo foi feito e diminuiu bastante a sujeira e desorganização das salas.

Para a coordenadora de Ética das escolas Pitágoras, em Belo Horizonte, é importante incentivar o aluno a fazer pequenos projetos para melhorar o convívio com os outros. "Ele deve saber que para falar de ética é preciso agir. Mas ele é incentivado a elaborar projetos simples, realizáveis, do seu tamanho. Não queremos alunos capazes de lindos discursos e que não sabem o que fazer", explica a pedagoga.

O Pitágoras é uma das primeiras escolas a transformar Ética em disciplina semanal para seus alunos. Com o filósofo Paulo Volker, Angélica elaborou o material que será lançado em maio e estará disponível também para outras escolas. "O importante não é dar conceitos prontos, mas fazer com que reflitam e se sintam capazes de agir eticamente e realizar suas escolhas", diz.

SERVIÇO

CE 13 de Ceilândia — (061) 376-1422
Colégio Origem — (061) 552-4078
Colégio Pitágoras — (031) 491-5008

LIVROS:
Pensando Melhor - Angélica Sátiro e Ana Míriam Wuensch - Saraiva
Coleção Ética (lançamento em maio) - Angélica Sátiro e Paulo Volker - Grupo Pitágoras
Ética e Cidadania - Sílvio Gallo (org.) - Editora Papirus

COMO ATUAR

■ Proponha aos alunos situações problemáticas e os deixe refletir sobre qual a melhor forma de agir

■ Não cite regras ou suas próprias conclusões. Deixe-os opinar. O professor não deve ser uma espécie de autoridade moral

■ A cada resposta, leve-os a refletir sobre todas as consequências de suas escolhas

■ Apresente novas perspectivas sobre as coisas, visões diferentes que eles ainda não tenham pensado

■ Peça para que eles se vejam no lugar do outro e percebam como este deve estar se sentindo